

BORIS SCHNAIDERMAN

Um
enigma
da
hist

**BORIS
SCHNAIDERMAN**

é professor
aposentado do
curso de Russo do
Departamento de
Línguas Orientais
da FFLCH-USP,
tradutor e ensaísta.

Órria

F

oi já em pleno inverno, em meio à neve, que o primeiro-tenente Carlos Cairoli passou a servir no Segundo Grupo de Artilharia da FEB, estacionado então em Silla, pequeno povoado junto a uma ponte sobre o Rio Reno, afluente do Pó, bombardeada diariamente pelos alemães. Era ali pouco mais que um riacho, mas de leito bastante largo, com muito pedregulho, no fundo de uma ravina. Vivíamos então dentro de uma nuvem de fumaça, pois os norte-americanos instalaram máquinas fumígenas junto às cabeceiras da ponte, a fim de dificultar a regulagem de tiro pelo inimigo. Assim, além da neve e do gelo, a fumaça passava a ter presença forte em nosso cotidiano. Enfim, uma vivência intensa, dessas que não se esquecem jamais (tratei dela, em forma ficcional, em meu livro *Guerra em Surdina*)¹.

Apesar de menos precisos, os bombardeios eram diários e continuados. É provável que essa imprecisão tenha contribuído para o aumento de vítimas entre os civis. Pelo menos, quando voltei ao local, na década de 60, pude ver, na parede externa da igre-

jinha de Silla, ladrilhos com os retratos dos paroquianos que então foram mortos, inclusive uma septuagenária simpática e afável (a julgar pela foto).

De onde teria vindo o tenente Cairoli? Transferido de outra unidade? Do Depósito de Pessoal, isto é, da reserva destinada às substituições? Não sei dizer. Lembro-me de que, pouco após nos conhecermos, eu o vi ajoelhado junto a mim, repetindo: “Virgem Santíssima, Mãe de Deus, protegei-nos”, enquanto estilhaços de granada fustigavam a parede do prédio em que estava instalada a bateria-comando do Grupo.

Cessado o bombardeio, disse-me: “Escute uma coisa: você não reza?”. Respondi que não tinha a quem rezar, pois, registrado como judeu de nascimento, na realidade não tinha religião. “Que estranho! Mesmo nessas horas?” E acabou fazendo-me um grande elogio, completamente imerecido: ficar firme naquelas circunstâncias, sem nenhum apoio da religião, seria, segundo ele, uma prova de firmeza de caráter.

Surgiu então pelo menos um esboço de amizade, o que era estranho, pelo menos na artilharia, onde as diferenças hierárquicas estavam bem mais marcadas que na infantaria.

Lembro-me depois do rosto moreno do tenente Cairoli em meio às efusões da Libertação, já no Vale do Pó. Ele ia de jipe às cidades da vizinhança e trazia sempre jornais e revistas, que depois me emprestava. Foi graças a ele que tive pela primeira vez alguma notícia de Gramsci e as primeiras noções, ainda muito elementares, dos primórdios do neorealismo italiano.

Certa vez, ele me disse: “Está tudo muito diferente. Surgiu até uma nova ciência, a dialética”. Lembro-me de que, na ocasião, fiquei calado. Teria sido para não o constranger com uma contestação? Ou por causa de minha própria insegurança em termos conceituais? Afinal, nossa formação foi se fazendo nos anos do Estado Novo.

Mesmo assim, devo ter sentido ganas de lhe falar um pouco da dialética entre os gregos e também da dialética hegeliana e do marxismo. No entanto, eu tinha eliminado estes dois últimos em meu íntimo, depois

1 Boris Schnaiderman, *Guerra em Surdina*, 4ª ed., São Paulo, Cosac Naify, 2004.

da catástrofe interior que tinha sido para mim o Pacto Germano-Soviético.

Não, o melhor mesmo era não mexer com nada disso, e eu permaneci calado.

Depois do regresso ao Brasil, perdi contato com o tenente. E o mergulho na vida civil afastava cada um de nós de tudo o que tivesse vínculos com o mundo militar.

Este, porém, insistia em imiscuir-se em nosso cotidiano. E isso já se sentia antes de 64.

Eis-me então em São Paulo, professor do Curso Livre de Língua e Literatura Russas da Universidade, incluído depois como curso regular, em seu Departamento de Letras.

Um dia, abrindo o jornal, vi que a cidade tinha uma nova figura como chefe do Deops, isto é, a Delegacia Estadual de Ordem Política e Social: o tenente-coronel Carlos Cairoli. E um dos seus primeiros atos foi a instituição da censura nos Correios.

Minha reação imediata foi uma vontade de ir às redações dos jornais (na época, a cidade tinha diversos) e manifestar meu protesto. Mas nós estávamos vivendo uma situação muito difícil na Universidade. Quando iniciei minhas aulas, ainda como curso livre, fui recebido de braços abertos pelos demais professores, embora nunca tivesse lecionado em faculdade e não tivesse feito um curso de Letras (realmente admirável, essa ausência de *esprit de corps*!).

No entanto, já estavam começando a surgir problemas. Instituídos os cursos de Orientais, como cursos regulares da Universidade, os que neles se matriculavam podiam, a partir do final do segundo ano, passar para outro curso de Letras de sua escolha. Em vista disso, nos próprios cursinhos preparatórios para o exame vestibular, os alunos eram aconselhados a escolher como segunda ou terceira opção um dos cursos de Orientais. Em consequência, os professores de Português, bem como os de Literatura Portuguesa ou Brasileira, tinham as salas de primeiro e segundo ano repletas, enquanto pouquíssimos alunos continuavam nos cursos de Orientais. E todo o ensino ficava prejudicado pela presença daquela multidão de jovens completamente

desinteressados em relação à disciplina que estavam cursando. Realmente, foi uma das experiências mais desagradáveis que já vivi!

Em vista da situação complicada, resolvi, depois de muita vacilação, não levantar na imprensa a questão da censura e não me lembro de que alguém a levantasse. (E a opinião pública? Estaria anestesiada nas vésperas do cataclisma?)

Recorri então às autoridades universitárias pedindo que manifestassem por escrito o seu protesto ante aquela medida completamente arbitrária e anticonstitucional e um pedido para que fosse anulada. Prometeram que o fariam, mas tenho até hoje as minhas dúvidas. Aliás, na ocasião, cheguei a ouvir a seguinte pérola: “Mas, se a polícia não abrir os pacotes, como é que se vai saber se eles não contêm material subversivo?”.

Como pequeno passo no caminho certo, mas um passo de todo insuficiente, publiquei então o artigo “Barreiras do Obscurantismo”², onde apontava para o baixo nível de publicações sobre a literatura e a cultura russas em geral nos países hispano-americanos, devido à falta de informação e de acesso aos respectivos materiais.

Se o artigo em questão chamava a atenção para um problema candente na época, hoje em dia ele está completamente superado, graças à atuação de estudiosos de valor em diversos países hispano-americanos, entre os quais meu amigo cubano Desiderio Navarro, que desenvolveu importante trabalho de tradutor e ensaísta, levando para o mundo de língua espanhola o que se produziu de mais importante em termos de teoria literária e de história das ideias tanto na Rússia como nos outros países do Leste europeu. Nesse sentido, merece especial destaque a publicação que dirige em Havana, a revista de cultura *Critérios*.

Esses caminhos estavam começando a ser trilhados pelo primeiro-tenente Cairoli quando o conheci. Em minha lembrança, sua imagem não se cola bem à de censor e verdugo da cultura, que surgiu depois. Mas este é certamente um dos paradoxos da história, que nos espreitam a cada passo.

2 Cf. Suplemento Literário de *O Estado de S. Paulo*, 19/1/1963, texto reproduzido em meu livro *Projeções: Rússia/Brasil/Itália* (São Paulo, Perspectiva, 1977).